

Padre Formigão Apóstolo do Reino de Cristo, Da Mensagem de Jesus e de Maria

(1) É com grande alegria que estou aqui com o grupo da Covilhã, de Tomar, de.....que manifesta que já se deixou tocar pelo espírito de reparação do P. Formigão. Sentimo-nos felizes por partilharem connosco as riquezas de um carisma que, pela sua intensidade e actualidade, extravasa o âmbito da Congregação e se propaga como uma centelha de luz que há-de aquecer e iluminar muitos corações.

O tema de hoje: “P. Formigão Apóstolo do Reino e da Mensagem”. Confesso que me sinto incapaz de tal missão e comecei por pedir ao P. Formigão que viesse em meu auxílio... ninguém melhor do que Ele mesmo para falar de si e da sua multifacetada experiência como Apóstolo do Senhor Jesus e de sua Mãe. Ele veio em meu socorro, pois ele próprio caracterizou o apóstolo, rezou incessantemente pelos apóstolos e fê-lo duma maneira singela e profunda.

(2) Na oração pelos sacerdotes que todos conhecemos e já tantas vezes rezámos estão condensadas as características e as virtudes que fazem o verdadeiro apóstolo do Reino e da Mensagem. Nesta belíssima oração o P. Formigão pede para si enquanto padre e para todos os servidores do Evangelho, um rosário de graças que são também virtudes indispensáveis e fundamentais para que o reino de Deus se dilate e fortifique em toda a terra.

A oração do P. Formigão pelos sacerdotes é uma súplica ardente, um grito de quem confia no Senhor e a Ele recorre com ousadia. Ele pede o melhor. Esta oração transmite em cada palavra a lucidez de quem vive e sabe pela experiência feita de interioridade, o que precisa para SER apóstolo. SER! Ser apóstolo! A tônica é colocada no ser do apóstolo e não no fazer apostolado. Para o P. Formigão sempre foi mais importante o ser que o fazer, a sua eficácia apostólica reconhecida é o resultado duma vida interior toda centrada em Deus e n'Ele unificada.

No âmbito da celebração do centenário da sua ordenação sacerdotal vamos meditar, ainda que muito sucintamente, na belíssima oração pelos sacerdotes...

(3) É da coerência de vida do P. Formigão que brota esta súplica veemente: «Meu Deus peço-vos pelos vossos padres...por todos os vossos padres...».



É pois, esta oração, que vamos rezar hoje aqui. Vamos rezá-la como quem medita, na companhia do nosso mestre espiritual que é, para nós, o P. Formigão. Ele nos guiará pelo caminho das virtudes mais desejadas e mais necessárias para sermos também nós Apóstolos do reino e da Mensagem.

Atentemos, pois na prece do P. Formigão. O que é que ele pede?

(4) Peço-vos... a santidade



O que significa para o P. Formigão ser santo? O que é que ele está a pedir a Deus para si e para todos? Como é que ele próprio foi santo? Para dar resposta a estas questões, o melhor é recorrer ao que ele escreveu sobre a santidade.

Ouçamo-lo: «Ser santo é subir uma escada de cruzes sem nunca parar, com o sorriso nos lábios e com o amor de humildade no coração. É saborear lenta e decididamente a cruz, no abandono, no desprezo e na obscuridade, sem ter outra testemunha senão só a Deus... **(5)** ser santo é deixar-se crucificar por Deus e pelas criaturas, doce, paciente e humildemente, em silêncio, em espírito de reconhecimento e aceitando tudo o que pode fazer sofrer sem nunca perder a paz da alma.

(6) Ser santo é viver uma vida interior escondida em Deus».



É isto. Tão simples, tão claro, tão denso... e é-o ainda mais, porque ao escutarmos as palavras estamos a reconhecer o P. Formigão que as viveu e praticou com veemência e tanta coragem que a Igreja o pode reconhecer e cantar. Assim o esperamos!...

Nestas palavras, nesta definição de santidade, fica contida a síntese de vida do apóstolo, qualquer que ele seja, mas o P. Formigão conhece a condição humana e sabe que precisamos de esmiuçar isto para o compreender e viver e por isso a sua súplica continua:

(7) Peço-vos... que eles amem profundamente o seu sacrifício



Todos nós fazemos memória do que amamos sentida e intensamente. Mas amar a cruz da vida? O Sacrifício? Quem pode, senão por graça divina, amar a cruz da vida? Que pede e nos pede o P. Formigão? Que amemos a cruz como a expressão maior de um amor até ao fim. Que amemos e participemos na Eucaristia, como fonte de força para amarmos a nossa cruz, porque a eucaristia é sacrifício do altar perenemente renovado por amor... até ao fim dos tempos.

(8) O P. Formigão reconhece este caminho com admiração: «O sacrifício da missa é o mesmo que o da cruz, é o mesmo sacerdote, a mesma oferta [...] Quem é oferecido na

cruz? Jesus Cristo. Quem é oferecido no altar? Jesus Cristo. No sacrifício da Missa e no da cruz, uma só e mesma oferta: Jesus Cristo».

«Fazei isto em memória de Mim». A Eucaristia é a actualização do amor, da entrega, do sacrifício. Esta oblação total e perene de Cristo ao Pai impressiona o coração apaixonado do P. Formigão e leva-o a exclamar: «A Eucaristia é a maravilha do amor de Deus por nós».



(9) Viveu amorosa e intensamente o culto da Eucaristia e nela encontrava a força e o dinamismo da sua vida interior e, nas múltiplas e diversificadas actividades apostólicas a ela ia buscar, incessantemente, como quem vai à fonte inesgotável, a sabedoria e a força para fazer face às provações por que passou. O Prof. Lúcio Craveiro conclui que o «Mistério pascal, fruto do amor do coração de Cristo, foi para ele a vereda segura do seu caminho espiritual». O sacrifício aceite e vivido com amor e por amor é a dimensão privilegiada de toda a espiritualidade do P. Formigão. Não só aceitou, como os Pastorinhos, todos os sacrifícios que o Senhor lhe quis enviar como os transformava em actos de amor reparador.

(10) Peço-vos... a obediência

Se estudássemos, ainda que superficialmente, a vida do P. Formigão rapidamente chegaríamos à conclusão de que ele foi um Homem obediente. Obediente a Deus e à Igreja na pessoa dos seus superiores hierárquicos. Caracterizava-o uma obediência lúcida, esclarecida e total, porque sabe, como bem diz: «Que Deus é o proprietário de todo o nosso ser, entregues a Ele como Deus e Senhor, como instrumentos nas mãos do artista, na dependência do Ser sábio e bom por excelência.



(11) Quais são as exigências ordinárias deste bom Senhor? Deus quer que não nos entreguemos às coisas exteriores, mas ao doce olhar de Deus; Deus quer que não resistamos à graça, Deus quer que o aceitemos, conservando a nossa alma em paz, Deus quer que sejamos fiéis em servi-Lo na medida das nossas forças, Deus quer que não ponhamos limites na nossa dedicação...».

(12) Peço-vos... o desprendimento



Para o P. Formigão o desprendimento não tem limites... até ao desprendimento completo de tudo e de si próprio. Está convencido que «Quando se possui Deus, não se tem necessidade de outra coisa, porque aquele que tem Deus tem tudo».

(13) Assim, remetemo-nos para o exemplo da vida deste Homem simples que viveu pobre, amou os pobres, todos os pobres e chamava à pobreza, “Divina Pobreza” e com o coração liberto de tudo e confiante só em Deus, exclamava: «Na verdade é um dia de festa para a alma pobre o dia em que ela se encontra na sua nudez. Sem esforço ela copia Jesus perfeitamente. Para os pobres como para o Divino Salvador, o mistério da pobreza é o primeiro mistério duma vida realmente perfeita».

Ficávamos assim quietos e calados a meditar nestas palavras...



(14) Peço-vos... uma inalterável e límpida castidade



O P. Formigão toma as palavras de Salomão para proclamar a beleza, a pureza, a castidade: «Como é bela a geração das almas castas! A sua memória é eterna, ela está sempre presente ao coração de Deus e ao coração dos homens»! e como se não tivesse outra forma de enaltecer um coração todo entregue a Deus continua o seu hino de exaltação: «Como é bela e resplandecente de beleza e de santidade essa castidade que não tem todo o seu esplendor e toda a sua integridade senão no seio da Igreja»!

Como todas as coisas belas e resplandecentes, também a castidade exige uma entrega total e exclusiva, exige transparência e ternura e exige renúncia e ascese.



(15) É um caminho de dádiva no amor, não só possível como gratificante e cheio de encantos. Exige luta, mas todas as coisas verdadeiramente valiosas a exigem. O P. Formigão aconselha-nos um caminho seguro e terno, diz ele: «A devoção a Maria é o baluarte para combatermos os atractivos do prazer com uma resistência calma, pronta, forte, generosa». E termina solememente afirmando: «A pureza é um dom do céu». Vivamo-lo.

(16) Peço-vos... a abnegação



O que é a abnegação? Foi a primeira pergunta que me ocorreu ao espírito quando reflectia nestas coisas. O que é a abnegação? É submissão? O que é ou como é uma pessoa abnegada? Quem conheceu o P. Formigão diz que ele era uma pessoa abnegada e quando o dizem reconhecem nele um homem conforme à vontade de Deus que vive tranquilo e sereno nesta vontade e nada mais deseja que o cumprimento exacto e fiel desta vontade. A abnegação é esta atitude quase inexplicável, de conformidade serena e absoluta com a vontade de Deus. Não há na pessoa abnegada pretensões de ser ou de parecer, não se impõe, não se ensobrbece, não se ilude, não reclama, os seus olhos estão postos em Deus de quem tudo espera.

(17) A abnegação é a atitude humilde, discreta, de quem cuida nada merecer e por isso mesmo confia desmedidamente. É a atitude lúcida e confiante de Job: «Saí nu do ventre de minha mãe e nu para ele voltarei». (Job 1, 21).



O P. Formigão diz que a abnegação é essa virtude que praticada com constância «torna a alma mais passiva sob a mão de Deus e ao mesmo tempo mais activa para o servir e praticar as suas obras».

Anda a abnegação associada a um dinamismo espiritual íntimo que se prende com a capacidade de aceitar todos os sofrimentos que o Senhor quiser enviar para fazer deles actos de reparação e de amor. Dinamismo aliás, muito “fatimita” dentro da Mensagem de Fátima e muito do agrado do P. Formigão.

(18) Peço-vos... a humildade...a doçura



Se tivéssemos de escolher uma virtude, uma única virtude para traçar o perfil do P. Formigão, com certeza, escolheríamos a humildade.

Todos o reconhecem e falam dele como uma pessoa humilde, mesmo na sua elevação espiritual e intelectual mantinha essa atitude discreta e reservada do servo fiel e vigilante. Porque é humilde fala e escreve sobre esta virtude com uma clareza e uma precisão inquestionáveis.

(19) Para ele a humildade «é a fraqueza duma alma recta que não quer senão o que ele conhece como verdadeiro, que quer e ama o que é verdade, mesmo quando a verdade humilha. [...] É o fundamento de todas as virtudes, a primeira e indispensável disposição para fazer bem todas as coisas; é o aroma que conserva todas as virtudes; a humildade atrai as vistas e o amor de Deus. Deus ama a pessoa humilde». O P. Formigão vai até ao ponto de afirmar que Deus contempla com complacência a pessoa humilde e espalha sobre ela os seus benefícios.



(20) Em sintonia com o pensamento do P. Formigão a humildade do apóstolo deve ter três características fundamentais:

1 - deve ser simples, não afectada nem insólita, não pretende o extraordinário, mas valoriza e realiza com dignidade as acções ordinárias;

2 - deve ser alegre, porque confiada na misericórdia de Deus, que é mais vasta que a nossa miséria e na sua bondade que mais poderosa do que a nossa fraqueza. Desta convicção, diz o P. Formigão resulta o que quer que seja de suave e agradável, de profunda alegria; e em terceiro lugar a humildade

3 - deve ser constante, praticada durante toda a vida, pois diz ele que «o orgulho é o último dos vícios de que nos despojamos».

(21) Esta humildade aprendeu-a ele do seu Mestre e Senhor que “sendo de condição divina esvaziou-se a si mesmo assumindo a condição de servo.” “A doçura é uma esplêndida pedra preciosa encastoada no anel das relações humanas, é o fio de ouro que entretece de delicados recamos a grosseira tela da vida.”

Realista como era, o P. Formigão alerta-nos dizendo que a doçura implica o discernimento da verdade e a imparcialidade das relações, ser doce e afável não é ser brando, mas tratar cada pessoa segundo o seu carácter e as suas necessidades. E é neste aspecto que começam as nossas dificuldades... Temos de aprender a doçura no contacto, na relação com o Fundador.

(22) Peço-vos... o zelo ...a dedicação



Para o P. Formigão o zelo é este desejo ardente e constante de agradar a Deus e, dá exemplos de personagens bíblicos, de mártires e de santos que viveram para agradar a Deus em tudo, quer quando davam a vida às feras, quer quando silenciosa e humildemente cumpriam a regra ou se sujeitavam livre e apaixonadamente à obediência. O zelo é pois, este impulso, este desejo veemente, estável e constante para agradar a Deus.

(23) O P. Formigão não diz para servir a Deus, mas para Lhe agradar, porque para ele, servir é um meio, agradar é o fim de toda a acção apostólica e de toda a vida espiritual. Foi assim que ele viveu, procurando em tudo, à imitação dos Pastorinhos agradar e consolar a Deus. Vemo-lo activo, fervoroso, zeloso movido por esse fogo abrasador que se expandiu até nós e hoje continua a influenciar a nossa acção apostólica. Somos fruto do zelo, da dedicação e do desejo ardente que o P. Formigão tinha de agradar a Deus e a Nossa Senhora.

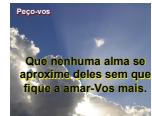
Se o zelo é o desejo de agradar a Deus, a dedicação é o desejo de agradar ao irmão. É o “fazer-se tudo para todos”, levando a todos e a cada um a “plenitude da bênção” (Rom 15, 29).



(24) A dedicação é uma espécie de delicadeza constante e alegre que faz de toda a actividade apostólica uma espaço de graça e de crescimento mútuo. Dedicação é atenção e a atenção é a substância do amor a Deus e do amor ao próximo. “A capacidade de prestar atenção sobretudo aos pobres e aos infelizes é quase um milagre, é um milagre” (Weil, 105) que temos de deixar acontecer em toda a nossa actividade

apostólica, tal como o P. Formigão o permitiu, a sua vida é uma dedicação feita de atenção discreta mas profundamente eficaz. E, claro, «Deus recompensa os que pensam Nele com atenção e amor», como bem diz Simone Weil.

O pedido insistente, traduzido aqui pela palavra: “peço-vos”... que nos é feito pelo P. Formigão é que façamos eco destas virtudes com a nossa vida em todas as actividades apostólicas que somos chamados a realizar, sejam elas quais forem e aonde forem.



(25) Pela comunhão de vida que intimamente comungamos com ele temos de nos sentir comprometidos a rezar, a meditar e a viver esta maravilhosa prece que agora vos convido a terminar, dizendo comigo:

Peço-vos que nenhuma alma se aproxime deles sem que fique a amar-vos mais.



Peço-vos, meu Deus, que o vosso reinado se dilate e se fortifique por meio deles, sobre a terra.

Prometo-vos, ó Jesus, imolar-me convosco de todo o meu coração. Ámen.



2 de Dezembro de 2007

Texto da Ir. Amália Maria Saraiva

Imagen da Ir. Maria Jacinta Barata

Adaptado por Ir Inês